

ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE: A PROBLEMÁTICA DO DUPLO NO ROMANCE *LES DÉSORIENTÉS*, DE AMIN MAALOUF¹

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i28p290-303>

Sheila Katiane Staudt²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)/
Université Sorbonne Nouvelle Paris 3

RESUMO

Comparado a um Ulisses moderno, nosso herói Adam sofre os percalços de ser estrangeiro e exilado na capital francesa, além de regressar à sua terra natal – Líbano – e confrontar-se com os fantasmas do passado. O romance *Les désorientés*, do escritor francês Amin Maalouf, publicado em 2012, apresenta, desde o seu título, a falta de orientação, a necessidade de um norte por parte das personagens. A escrita dupla do texto vai ao encontro das personagens que orbitam nosso protagonista, por vezes, reflexos invertidos de si mesmas. Buscar os rastros do duplo na trajetória de nosso narrador-personagem Adam é o que pretendemos nesse trabalho, bem como entender os diversos (re)encontros vividos por ele ao longo da travessia. Autoconhecimento, aprendizagem, alteridade são apenas algumas das experiências por que passa nosso herói que migra do Oriente ao Ocidente (e vice-versa) tentando, quiçá, encontrar a si mesmo.

ABSTRACT

*Compared to a modern Ulysses, our hero Adam suffers the difficulties of being a foreigner and exile in the French capital, as well as returning to his homeland - Lebanon - and confronting the ghosts of the past. The novel *Les désorientés*, by the French writer Amin Maalouf, published in 2012, presents from its title the lack of orientation, the need for a north by the characters. The double writing of the text dialogues with the characters' personalities that orbit our protagonist character, sometimes inverted reflexes of themselves. Finding the traces of the double in the trajectory of our narrator-character Adam is what we intend in this work, as well as understand the various (re) encounters he lived along the crossing. Self-knowledge, learning, alterity are just some of the experiences suffered by our hero who migrates from East to West (and vice versa) trying, perhaps, to find himself.*

PALAVRAS-CHAVE:

Duplo;
Desorientação;
Exílio;
Romance francês contemporâneo.

KEYWORDS

Double;
Desorientation;
Exílio;
Contemporary French novel.

¹ Artigo escrito com o fomento do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS *Campus* Canoas.

² Professora em regime de dedicação exclusiva no IFRS *Campus* Canoas e pós-doutora pela Université Sorbonne Nouvelle Paris 3 (2017-2018).

C

onsiderações iniciais

O romance *Les désorientés*³, de Amin Maalouf, publicado em 2012, transita pelo universo autoficcional, uma vez que o próprio autor afirma mesclar suas memórias da juventude à história narrada. Tecida com esmero, a narrativa serve de espelho para inúmeras outras histórias de imigrantes desenraizados, à deriva, dispersados pelo mundo em busca de uma reconciliação, mesmo que tardia, com suas origens e consigo mesmo.

A faceta dupla do texto faz com que tudo e todos estejam em um entre-lugar no espaço-tempo, em um nem lá nem cá, como se um *gap* servisse de um meio-caminho entre a terra natal e o local em que vivem exilados, entre o passado e o presente, entre o bem e o mal, etc. Adam, personagem, protagonista e um dos narradores da trama, tenta entender sua relação de atração e repulsa com a terra em que nasceu, com as amizades rompidas, com os antigos costumes, enfim com o seu passado deixado para trás em virtude das consecutivas guerras que assolaram o Líbano, seu país de origem.

Nossa leitura busca acercar-se dos signos do duplo espalhados ao longo do texto os quais dialogam sobremaneira com a vida da personagem-protagonista que tenta, por meio da escrita, (re)escrever sua própria história com vistas a entender a si mesmo nesse processo.

1. Alfa e ômega

A temática do duplo⁴ é recorrente na literatura e apresenta-se, com frequência, através da busca permanente do ser humano por compreender a si próprio. O título e a epígrafe do romance de Amin Maalouf já exibem rastros do duplo que serão multiplicados e expandidos ao longo do texto. No título *Les désorientés*, pode-se ver, a um só tempo, as palavras “desorientados” e “orientados” com a retirada ou não do prefixo apenas. Esse jogo de palavras, que possui em sua raiz o vocábulo “Oriente”, sinaliza para o deslocamento, para a errância, para a perda do rumo em busca de uma orientação.

³ MAALOUF, Amin. *Les désorientés*. Paris: Éditions Grasset, 2014.

⁴ Otto Hank apresenta em seu estudo *Don Juan et Le Double* (1932) os textos de Hoffmann como sendo os primeiros a apresentarem a temática do duplo na literatura. Para Hank (1973, p.11), “Hoffmann est le poète classique du Double, qui est un des thèmes favoris de la poésie romantique”. IN: HANK, Otto. *Don Juan et Le double*. Petite Bibliothèque Payot, Paris; 1973. 189 p.

A epígrafe, por sua vez, traz a frase da filósofa Simone Weil (1909-1943), a qual enveredara para o campo místico, e corrobora a ideia dos reveses advindos dessas travessias um tanto quanto turbulentas desde a origem: “Tudo aquilo que é submetido ao contato da força é degradado, qualquer que seja o contato. Atacar ou ser atacado é a mesma e única corrupção”⁵ (tradução nossa⁶). Aquele que intenta (re)descobrir-se sofre a partir do (re)conhecimento de um “eu” que, na verdade, já é “outro”, ainda que o mesmo: reflexos de um mesmo espelho.

A narrativa é aberta com uma espécie de prólogo em primeira pessoa contado pela personagem-protagonista Adam em seu diário ao apresentar as origens do seu nome, alcunha esta portadora de todo o fardo pesado do mundo, segundo a tradição cristã. Ao tecer a genealogia da palavra, ele afirma que não será “o primeiro de uma linhagem”, mas o último dos seus, “o depositário de todas as tristezas acumuladas, das suas desilusões bem como das suas vergonhas”⁷. Essa assertiva, posta desde o início do romance, remete-nos de imediato ao texto bíblico que também começa com a história do primeiro homem na Terra, do qual todos nós derivamos, homens e mulheres descendentes de Adão.

O desejo manifesto de afastamento do protagonista para com o personagem bíblico é fato. Adam não quer ser o primeiro de uma linhagem, mas sim o último exemplar de uma leva de pessoas que, perdidas no mundo, guardam dentro de si amarguras, traumas e cicatrizes da travessia. Para ele, “todos os filhos de Adão e Eva são crianças perdidas”⁸, sendo assim ele é apenas mais um dos errantes dispersos pelo planeta, nascidos com a culpa do pecado original, marcados desde a origem e condenados à expulsão do paraíso.

Abortado pelo próprio país submerso em guerra, Adam aproxima-se do mito bíblico e se afasta, em muitos momentos, ao retornar ao *locus* de origem que nada se assemelha ao paraíso de sua infância e juventude nos tempos de pré-guerra. Deixar o *locus amoenus* para adentrar o *locus horriendus* é apenas uma das peripécias por que passa Adam em sua jornada de orientação que vai do Ocidente ao Oriente (e vice-versa), buscando (re)encontrar-se nesse percurso.

Deixar de ser alfa, para ser ômega parece ser a opção de Adam. O fim ao invés do início pode significar um peso ainda maior devido ao

⁵ Texto original: “Tout ce qui est soumis au contact de la force est avili, quel que soit le contact. Frapper ou être frappé, c’est une seule et même souillure.” (MAALOUF, 2014, p.09)

⁶ Todas as traduções realizadas neste artigo foram feitas pela autora, uma vez que o texto original está em francês.

⁷ Texto original: “Je ne serai pas le premier d’une lignée, je serai le dernier, le tout dernier des miens, le depositaire de leurs tristesses accumulées, de leurs désillusions ainsi que de leurs honte” (MAALOUF, 2014, p.11).

⁸ Texto original : “[...] tous les fils d’Adam et d’Ève sont des enfants perdus.” (MAALOUF, 2014, p.12)

acúmulo de sofrimentos colecionados ao longo do caminho. Seu nome é origem, mas a vontade de terminar/pôr fim a toda essa descendência maldita move a personagem de volta ao seu país natal, o suposto paraíso perdido, em busca de respostas. A personagem, por sua vez, guarda em si mesma uma divisão interior que vai marcar sua trajetória e suas escolhas também ambivalentes.

Buscar a orientação no Oriente é apenas uma das estratégias da personagem em sua desorientação interior. A saúde frágil do amigo Mourad faz com que Adam vá ao encontro daquele que fora um dos melhores companheiros de sua juventude. Ao chegar e encontrar o amigo morto, Adam começa a escrever suas memórias a partir de correspondências antigas e atuais com os companheiros de outrora, bem como através de lembranças das conversações do passado que possam esclarecer suas indagações. O esperado encontro com o amigo moribundo poderia, quiçá, esclarecer-lhe muitas dúvidas acerca das suas escolhas pessoais e as origens de seu enriquecimento ao apoiar a milícia que se apoderou do país e que iniciara a guerra.

A proximidade de Adam com o personagem bíblico está posta. Reflexos de um mesmo espelho, a personagem toma a palavra desde o início da narrativa, ordenando os fatos de sua vida com vistas a recuperar o paraíso perdido da juventude ao tentar organizar um reencontro com os velhos amigos na terra natal.

Adam foi o terceiro a afastar-se do grupo de amigos após o início da guerra. Naïm e Bilal foram os seus predecessores. Naïm partira para o Brasil com toda a família e Bilal morreu em um tiroteio após ter se alistado na milícia, fato este jamais imaginado pelo grupo. Adam parte para Paris com o apoio dos avós, Ramez e Ramzi vão para Londres, Albert vai para os Estados Unidos. Todavia, o casal Mourad e Tania e a amiga Sémiramis são os únicos que permanecem no país em guerra. Mourad ao apoiar as milícias, ganha o posto de Ministro enriquecendo rapidamente após o cargo. As dúvidas acerca de seu enriquecimento ilícito são as causas do distanciamento entre Adam e Mourad. A posição de Adam sobre as diferenças entre os ricos e pobres é também um entre-lugar: “Eu sempre tive aversão tanto pelos ricos quanto pelos pobres. Minha pátria social é entre os dois. Nem os proprietários, nem os requerentes.”⁹. E a sua duplicidade não cessa...

O seu retorno ao país natal reforça ainda mais seu ser dividido, sem pátria, sem nacionalidade, sem rastro, quase um fantasma, como ele mesmo afirma: “Ninguém. Ninguém fala comigo, ninguém me escuta. Ninguém me reconhece. Eu vim ao encontro de um fantasma de amigo, e

⁹ Texto original: “J’ai toujours eu de l’aversion à la fois pour les riches et pour les pauvres. Ma patrie sociale, c’est l’entre-deux. Ni les possédants, ni les revendicateurs.” (MAALOUF, 2014, p.175).

eu já sou um fantasma eu mesmo”¹⁰. A falta de ser reconhecido ou recebido por algum conterrâneo assusta Adam por alguns instantes, contudo, dentro do táxi, ele desfruta da nova sensação de estar incógnito na própria terra em que nascera: “encontrar-me só, anônimo e como um clandestino”¹¹. Estar ali e ao mesmo tempo não estar é o sentimento por que passa a personagem exilada em Paris por causa da guerra e que retorna para ver seu amigo moribundo, confrontando-se com recordações da juventude em tempos de paz.

Ao atentar para a história dos grandes líderes de Roma e Constantinopla, Adam sempre se intrigou com o fato de que o primeiro e o último imperador dessas cidades se chamavam, respectivamente, Romulus e Constantin:

Eu sempre me ative ao fato de que em Roma, o último imperador se chamava Romulus, como o primeiro fundador da cidade; e que em Constantinopla, o último imperador se chamava Constantin – lá também, como o fundador. Deste fato, meu nome de Adão me inspirou constantemente mais inquietude que confiança.¹²

O fardo que carrega em seu próprio nome sempre foi motivo de elucubrações por parte de Adam. Um nome incomum em seu país, recebido por seus pais, mortos tragicamente em um acidente aéreo, traz uma insígnia dupla que, reinterpretada em suas palavras: “eu carrego em meu nome a humanidade nascente, mas eu pertencço a uma humanidade que se extingue... Eu sou o predisposto às extinções...”¹³. A coincidência encontrada em seu objeto de estudo acadêmico, propriamente dito – a História dos povos e civilizações – reforça o receio da personagem acerca do seu nome, já que a História tende a se repetir, de forma um tanto quanto cíclica, trazendo consigo uma gama de caminhos já prescritos, sem possibilitar a criação de uma saída completamente inédita. Até mesmo um provérbio árabe sobre a repetição dos acontecimentos ao longo do tempo é citado por Adam em uma carta a Naïm, na sua língua materna: “Ma sar chi, ma sar metlo”, o qual é traduzido pelo professor a seus alunos: “Tudo aquilo que acontece se assemelha necessariamente a

¹⁰ Texto original: “*Personne. Personne ne me parle, personne ne m’attend. Personne ne me reconnaît. Je suis venu à la rencontre d’un fantôme d’ami, et je suis déjà un fantôme moi-même.*” (MAALOUF, 2014, p.22).

¹¹ Texto original: “*me retrouver seul, anonyme, et comme clandestin.*” (MAALOUF, 2014, p.23)

¹² Texto original: “*J’ai toujours été frappé par le fait qu’à Rome, le dernier empereur s’appelait Romulus, comme le fondateur de la ville ; et qu’à Constantinople, le dernier empereur s’appelait Constantin – là encore, comme le fondateur. De ce fait, mon prénom d’Adam m’a constamment inspiré plus d’inquiétude que de fierté.*” (MAALOUF, Amin. *Les désorientés*. Éditions Grasset, Paris, p.484-485)

¹³ Texto original: “*Je porte dans mon prénom l’humanité naissante, mais j’appartiens à une humanité que s’éteint... Je suis le préposé aux extinctions...*” (MAALOUF, 2014, p.525)

alguma coisa que já aconteceu”¹⁴. Apesar de Adam refutar essa ideia vigorosamente, o pavor de acontecer consigo a mesma (ou pior) tragédia do seu ancestral acompanha a personagem em sua trajetória

A ambiguidade presente nesta assertiva faz com que Adam seja o representante de uma raça que, ao mesmo tempo, vive e morre, ou seja, uma vez que exilados/arrancados de suas pátrias, suas identidades são apagadas dia após dia, em um trabalho contínuo rumo à extinção. Vida e morte, partida e chegada, começo e fim imbricados como duas faces da mesma moeda, retratos de um drama que ecoa no universo contemporâneo: espaço-tempo marcado pelo desenraizamento humano, por ex-patriados, pelos refugiados de guerra, seres em trânsito tão distantes de sua terra natal quanto de si mesmos.

2. Jogo de espelhos

Além da divisão interior da personagem-protagonista, o texto de Amin Maalouf se desdobra em dois através das diferentes vozes narrativas: a primeira, do narrador em terceira pessoa e, a segunda, pela voz de Adam em seu diário, além de se refletir em inúmeras outras através de uma espécie de colagem feita a partir das correspondências trocadas entre Adam e seus amigos da juventude. O texto por assim dizer, assemelha-se à narrativa bíblica que é tecida a diversas mãos, expondo diferentes narradores e pontos de vista singulares sobre os mesmos assuntos: a guerra na terra natal, a vida no exílio, a morte do amigo Mourad, etc.

As convergências e o intertexto com os livros sagrados reforçam a duplicidade e o espelhamento intrínseco que o constitui. A Bíblia é transmitida e construída por meio da oralidade, uma vez que a partir da força da palavra, propriamente dita, tudo se cria pelo poder de Deus¹⁵. Os fatos bíblicos são (d)escritos por aqueles que testemunharam os eventos ou ouviram do próprio filho de Deus: Jesus. O Corão¹⁶, ao contrário, é concebido através da escrita, pois Moisés recebe as ordens diretamente da voz de Deus e as transcreve de imediato no livro sagrado muçulmano. Quando voltamos ao texto de Maalouf, uma mistura de estilos encontra-se em sua narrativa. A necessidade de escrita por parte de Adam, para compreender a si mesmo e o mundo ao seu redor, remete ao texto

¹⁴ Texto original: *“Tout ce qui se passe ressemble forcément à quelque chose qui s’est déjà passé”* (MAALOUF, 2014, p.294)

¹⁵ Ver Bíblia Sagrada, versículo 3, capítulo 1 do livro Gênesis, Antigo Testamento: “E disse Deus: Haja luz, e houve luz”. BÍBLIA online.

Disponível em: < <https://www.bibliaonline.com.br/>>. Acesso em: fev. 2018.

¹⁶ LE SAINT CORAN (Traduction en français Intégrale et Notes de MUHAMMAD HAMIDULLAH professeur à l’Université d’Istanbul avec la Collaboration de M. Léturmy) 10ème edition Révisée et Complétée, 1981-1401.

sagrado para os muçulmanos. No entanto, quando lemos integralmente as cartas dos amigos e os diálogos entre as personagens nos deparamos com a polifonia própria do texto bíblico cristão.

A personagem mesma, em muitos momentos da narrativa, assevera ter necessidade de ouvir bem mais que falar. Talvez a profissão de historiador o tenha moldado assim, buscando a autenticidade a partir dos fatos e relatos do outro. Em se tratando de religião, Adam afirma ter tido sempre uma atitude confusa e ambivalente sobre o assunto. Ao saber que um de seus amigos enclausurara-se em um monastério, ele tenta reaproximar-se do antigo companheiro, renomeado de frei Basílio. Ao passar uma noite naquele lugar, ele reafirma sua natureza ambígua: “eu estou entre a crença e a descrença como estou entre minhas duas pátrias, precisando de uma, precisando da outra, sem pertencer a nenhuma”¹⁷. O sentimento de não-pertença e de desenraizamento são próprias da personagem que, dividida, não consegue tomar posição em diversas questões, a exemplo da religiosidade, assunto um tanto quanto delicado em seu país natal.

A busca por um possível paraíso no Ocidente, transportado de certo modo à capital francesa, reforça ainda mais as marcas duplas da personagem que não consegue sequer pronunciar o nome do país em que nasceu. De acordo com Marshall Berman, “ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradições”¹⁸. Nosso protagonista Adam carrega em si as insígnias desta modernidade de que nos fala Berman e encontra-se dividido entre: duas línguas – o árabe e o francês –; duas cidades – Paris e Amman –; dois países – França e Líbano; duas mulheres – Dolorès e Sémiramis –; a oralidade e a escrita; a escrita de sua biografia pessoal e a biografia de Átila; Ocidente e Oriente; presente e passado; enfim, marcas profundas da ruptura, da bifurcação, consequências do exílio forçado, as quais caracterizam a própria trajetória personagem tornando-a sinuosa, por vezes leve e, outras vezes, pesada demais.

Por vezes, signos sagrados aos dois textos são transportados ao seio da narrativa reiterando ainda mais a ambivalência do romance. A imagem do paraíso é talvez a mais recorrente. A noite de amor entre Adam e sua amiga Sémiramis está repleta de símbolos paradisiacos. Ao descrever a pequena casa onde mora, anexa aos fundos do hotel que leva seu nome, Sémiramis é comparada à Eva por Adam que a imagina sozinha em sua varanda onde ela toma “banhos de sol, no verão, coberta

¹⁷ Texto original: “Je suis entre la croyance et l’incroyance comme je suis entre mes deux patries, caressant l’une, caressant l’autre, sans appartenir à aucune.” (MAALOUF, 2014, p.394)

¹⁸ BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p.12

com uma folha de parreira”¹⁹, escondida em seu pequeno paraíso privativo entre muitas árvores. Aqui a imagem da Eva bíblica, vestida apenas com uma folha de videira, é transportada à da amiga que na adolescência foi sua primeira paixão. Sémiramis fora então a primeira Eva deste ‘Adão’. Na sequência, há de fato o ato amoroso entre os amigos e nele mais indícios do pecado original descrito na Bíblia cometido agora pelos amantes ao se descobrirem mutuamente, em um ritual simétrico de carícias mútuas, como se desenhasssem um “relevé topographique”²⁰ de seus corpos. A cena em espelho repetida de forma idêntica entre ambos redimensiona-se para uma (re)descoberta do seu próprio país após anos de ausência. Sémiramis resiste e permanece na terra mesmo com o acirramento da guerra, podendo ser vista como um símbolo mítico do que resta do paraíso deixado para trás, o qual passa a ser (re)lido por Adam.

A pena por devorarem o fruto da “árvore do conhecimento” é a expulsão do casal bíblico do paraíso, carregando consigo toda a culpa pelo ato pecaminoso de desobediência a Deus. No texto de Maalouf, Adam, apesar de não ser casado, tem um relacionamento estável em Paris, o que sinalizaria uma traição. Contudo, para tentar acalmá-lo de qualquer culpa, Sémiramis diz que ela já havia pedido permissão à Dolorès – companheira de Adam – em uma ligação feita no dia anterior à antiga amiga, a qual concordara com a cedência do companheiro apenas se o mesmo fosse devolvido a ela depois. O contrato verbal entre as duas mulheres faz com que Adam sintase um tanto quanto “objeto” para ser “pego e devolvido” por ambas. Tal atitude entre Sémiramis e Dolorès aproxima-se dos contratos pré-estabelecidos na tradição muçulmana acerca da poligamia, na qual sabe-se antecipadamente o início e o término da relação matrimonial, bem como todos os direitos e deveres das partes envolvidas no acordo nupcial.

Outra imagem é a da mulher, descendente de Eva, que, de acordo com a Bíblia, deve sofrer para diminuir seu pecado. Sémiramis é quase interrogada no encontro com os amigos sobre sua opção por não ter casado, e também não ter tido filhos, fatos que vão de encontro à concepção bíblica da função feminina na terra. Ela responde que é feliz sozinha, sem ter um “homem às costas” e toda noite ela tem uma taça de champagne, fato que remete ao paraíso descrito no livro sagrado muçulmano – Corão –, com bebidas alcoólicas e muita sombra em meio às árvores. A perda sofrida no início dos conflitos em solo libanês é um dos traumas que carrega consigo: o namorado Bilal foi morto pelas milícias que ocuparam o país.

¹⁹ Texto original: “bains de soleil, en été, couverte d’une feuille de vigne.” (MAALOUF, 2014, p.120)

²⁰ Tradução: “Levantamento topográfico” (MAALOUF, 2014, p.123).

Neste instante, ao pensarmos nas diferenças e semelhanças entre as mulheres ocidentais e orientais, levando em conta a trajetória da personagem Sémiramis, não notamos nada de extraordinário: administrar um negócio próprio, optar por não casar e não ter filhos são ações cada vez mais comuns tanto no mundo ocidental como no oriente.

Ao encontrar o bem-sucedido amigo Ramez, Adam tem conhecimento de detalhes da história dos companheiros inseparáveis Ramez e Ramzi. Engenheiros e sócios de uma grande construtora em Londres, ambos encontraram suas esposas de nome idêntico: Dunia. Contudo, as duas Dunias tinham em comum apenas o nome, mas índoles totalmente díspares. Ramez conta que: “a semelhança dos nomes pareceu-lhe à época como um sinal do Céu, mas era uma praga enviada pelo Inferno”²¹. A menção aos opostos céu e inferno, diretamente relacionada às duas mulheres de temperamentos antagônicos, reitera sobremaneira a forma de construção dupla da narrativa maaloufiana.

Contudo, ao conversarem sobre o comportamento humano, antes e depois do casamento, nota-se uma grande explanação, sobre as diferenças entre a conduta do homem e da mulher, proferida por Ramez:

Assim que elas procuram se encaixar, elas são todas açúcar. Doces, conciliadoras, agradáveis de conviver – tudo para garantir o pretendente. Até o dia em que se casam. Então elas liberam sua verdadeira natureza, a qual elas tinham dissimulado até ali.

[...] eu diria que no caso delas, a transformação não é nem tão brutal nem tão sistemática quanto no caso dos homens. O homem apaixonado e o marido são criaturas diferentes, como o cachorro e o lobo. Antes de casado, nós somos todos um pouco cachorros, e depois nós somos todos um pouco lobos.²²

Desta vez, o texto aborda, em termos dicotômicos, as questões de gênero. O teatro prévio dissimulado por homens e mulheres com vistas a alcançarem a estabilidade conjugal parece existir em ambos os lados, apesar de ser mais evidente a mudança dos comportamentos anterior e posterior no que diz respeito aos homens, como afirma a personagem. Além disso, Ramez tem uma concepção negativa do casamento, embora seja muito feliz com sua esposa Dunia. A seu ver, o casamento é uma

²¹ Texto original: “La similitude des prénoms lui était apparue à l’époque comme un signe du Ciel, mais c’était un piège tendu par l’Enfer” (MAALOUF, 2014, p.243)

²² Texto original: “Tant qu’elles cherchent à se caser, elles sont tout sucre. Douces, concillantes, agréables à vivre – tout pour rassurer le prétendant. Jusqu’à ce que celui-ci les épouse. Alors seulement elles libèrent leur véritable nature, qu’elles s’étaient efforcées jusque-là de dissimuler. [...] je dirais que chez elles, la transformation n’est ni aussi brutale ni aussi systématique que chez les hommes. L’amoureux et le mari sont des créatures différentes, comme le chien et le loup. Avant le mariage, nous sommes tous en peu chiens, et après nous sommes tous un peu loups ;” (MAALOUF, 2014, p.244)

instituição calamitosa e pode ser comparada a uma loteria às cegas, na qual se descobre somente a posteriori se tiramos o bom ou o mau número.

Em outro momento da trama, ao rever a casa de sua infância e reencontrar, inesperadamente, a mesma vizinha habitando a residência aos fundos da sua, Adam acredita “ter sido readmitido, por um milagre, ao paraíso antes da queda”²³. Presente e passado da personagem amalgamam-se a passagens mitológicas dos textos sagrados, aproximando Adam do Adão bíblico. A vista da bela residência de sua família no passado e o contato com uma pessoa que trazia consigo o retrato mais fiel de uma época alegre e pura/ingênua de sua vida, antes da tragédia com seus pais, fazem de Adam um ser quase divino, podendo transitar livremente pelo tempo-espaço como se possuísse um poder sobre-humano, minutos após ter contado a história de sua amizade com a vizinha mais velha próximo ao muro que separava a sua casa da de Hanum aos amigos Naïm e Sémiramis. O reencontro inusitado após anos de ausência comove Adam e Hanum. A conversa com a antiga amiga além do tom rememorativo, também traz uma vez mais a menção ao paraíso ao explicar brevemente aos três interlocutores a origem de seus respectivos nomes. Após a apresentação, Hanum dirige-se a Sémiramis e diz que seu nome é o mais belo de todos os nomes possíveis, enquanto Naïm significa Paraíso, propriamente dito, e Adam é o nome dado pelo próprio Criador do Paraíso.

O sentimento de perda de uma relação criada ao acaso com sua vizinha, logo após a morte dos pais e a perda da casa aos credores, é a primeira queda deste Adam-menino, que desgarrado pelo mundo representa todos os anseios, dores e reveses vividos pelos descendentes da raça do casal que fora expulso do paraíso. Experimentar o céu e o inferno parece ser a sina desta personagem a qual vivencia mais amarguras que deleites ao longo de sua história.

O final dessa personagem dupla em sua essência não podia ser mais ambíguo: Adam, após um acidente de carro, do qual é o único sobrevivente, fica entre a vida e a morte. O reencontro entre os amigos da juventude não acontece e ele fica sem respostas para completar seu diário e entender seu retorno ao país do qual fora abortado no passado. Sua tragédia pessoal está prescrita desde sua origem: perde os pais em um acidente de avião, perde a casa em que nasceu, perde a amiga e vizinha Hanum, perde o primeiro amor (Sémiramis), perde os amigos ao exilar-se em Paris, perde a terra natal, perde a chance do reencontrar os amigos e a si mesmo em um acidente de carro, que mata um de seus amigos – Ramzi

²³ Texto original: “Adam la contemplait, encore incédule, comme s’il avait été réadmis, par un miracle, au paradis d’avant la chute” (MAALOUF, 2014, p.470)

-, minutos antes de chegar ao hotel de Sémi, enfim a sucessão de perdas por que passa Adam reflete a perda do paraíso pelo patriarca mencionada nos textos sagrados e todas as consequências negativas nela contidas. Ser um fantasma de si mesmo era o fado dessa personagem que apenas entendera isso ao retornar à sua pátria. Um ser sofredor entre a vida e a morte fora seu destino desde seu batismo.

Mesmo ao tentar expor seu pensamento de historiador aos amigos da juventude, Adam traceja duas dicotomias a fim de explicar as tragédias do passado e do presente, ou dos séculos XX e XXI. Para ele, “existiu, no século XX, duas calamidades maiores: o comunismo e o anti-comunismo” e “no século XXI, haverá também duas calamidades maiores: o islamismo radical, e o anti-islamismo radical”²⁴. Em se tratando de simplificar cem anos de história, a personagem recorre a uma atitude bipartida como todo seu pensamento enquanto um ser interiormente duplo. Dividir em dois grandes antagonistas os problemas de todo um século traz um tom apocalíptico ao discurso do protagonista, como comenta Sémiramis após sua fala. Após um período marcado por concepções políticas adversárias, Adam prevê um século dominado pelo enfrentamento de questões religiosas opostas, tempo de retrocesso, segundo ele.

a. Ocidente X Oriente

As questões que dividem o mundo oriental do mundo ocidental são discutidas entre Adam e os amigos dispersos pelo globo em correspondências eletrônicas momentos antes da data marcada para o reencontro entre eles, bem como com Sémiramis em seu hotel. Por vezes, os diferentes olhares sobre um tema comum são colocados lado a lado na colagem entre correspondências antigas e atuais causando um cruzamento de percepções acerca dos problemas causadores da dispersão do grupo.

A viagem de retorno ao Oriente em que nascera é realizada quase a contragosto por Adam, uma vez que rever o amigo Mourad, após anos de rompimento, seria deparar-se com uma verdade impossível de suportar. A estranha origem do enriquecimento do grande amigo é um tema quase tabu entre todos, contudo, Adam conta, ao amigo que partiu ao Brasil – Naïm –, detalhadamente, tudo o que soubera acerca da vida de Mourad ao permanecer no país apesar da guerra: “a ascensão política de nosso amigo foi consequência direta de uma falta grave que ele cometeu. [...] esse dinheiro era sujo. Que ele provinha, na melhor das hipóteses, de

²⁴ Texto original: “il y avait eu, au vingtième siècle, deux calamités majeures : le communisme et l’anticommunisme. Et au vingt et unième, il y aura aussi deux calamités majeures : l’islamisme radical et, l’anti-islamisme radical” (MAALOUF, 2014, p.509)

subornos, de comissões ilegítimas.”²⁵. Ao final da carta, Adam ainda relativiza a saída deles da terra natal: manterem as mãos limpas!

Ao reencontrar a viúva de Mourad – Tania –, Sémi e Adam escutam o seu ponto de vista sobre aqueles que partiram e deixaram o país na época mais difícil:

A questão é saber o que seria feito deste país se todo mundo tivesse partido, como você. Nós teríamos todos as mãos limpas, mas a Paris, a Montréal, a Estocolmo ou a São Francisco. Estes que permaneceram sujaram as mãos para preservar-lhes um país, para que vocês pudessem voltar um dia, ou ao menos o visitar de tempos em tempos.²⁶

O silêncio é a única resposta de Adam naquele momento de dor à amiga Tania, em um sinal de respeito ao seu luto. O tom agressivo e direto com que falara a Adam, quase culpando-o por seu exílio, assusta-o em um primeiro momento, fazendo-o perceber modificações no comportamento da velha amiga com o passar do tempo. Viver no Ocidente, segundo Tania, teria sido uma escolha muito mais simples que optado por ficar em um país submerso em guerra e perigos iminentes, no qual havia apenas uma escolha possível: aliar-se aos inimigos, aceitando suas ações maquiavélicas, para não ser exterminado.

Em uma de suas respostas a Naïm, o historiador afirma que o conflito que os espalhou pelos quatro cantos do planeta foi muito mais sério que uma querela entre duas tribos rivais:

é este conflito, mais que qualquer outro, que impede o mundo árabe de melhorar, é ele que impede o Ocidente e o Islã de se reconciliarem, é ele que joga a humanidade contemporânea para trás, através dos conflitos identitários, através do fanatismo religioso, através do que chamamos atualmente de “enfrentamento de civilizações”. [...] é portanto por causa desse conflito que a humanidade entrou em uma fase de regressão moral, ao invés de progresso.²⁷

²⁵ Texto original: “L’ascension politique de notre ami fut la conséquence directe de la faute grave qu’il avait commise. [...] cet argent était sale. Qu’il provenait, dans le meilleur des cas, de pots-de-vin, de commissions illégitimes” (MAALOUF, 2014, p.184-185)

²⁶ Texto original: “La question est de savoir ce que serait devenu ce pays si tout le monde était parti, comme toi. Nous aurions tous gardé les mains propres, mais à Paris, à Montréal, à Stockholm ou à San Francisco. Ceux qui sont restés se sont sali les mains pour vous préserver un pays, pour que vous puissiez y revenir un jour, ou tout au moins le visiter de temps en temps.” (MAALOUF, 2014, p.191-192)

²⁷ Texto original: “C’est ce conflit, plus que tout autre, qui empêche le monde arabe de s’améliorer, c’est lui qui empêche l’Occident et l’Islam de se réconcilier, c’est lui qui tire l’humanité vers l’arrière, vers les crispations identitaires, vers le fanatisme religieux, vers ce qu’on appelle de nos jours “l’affrontement des civilisations”. [...] c’est d’abord à cause de ce conflit que l’humanité est entrée dans une phase de régression morale, plutôt que de progrès.” (MAALOUF, 2014, p.293)

Talvez por estar distante do Oriente essas questões fiquem mais claras a Adam. O olhar de estrangeiro sobre as questões locais, que afetam o seu país na contemporaneidade, traz uma análise singular sobre o difícil diálogo entre o Oriente e o Ocidente, tentando encontrar razões plausíveis para o retrocesso em detrimento do esperado progresso humano no presente.

Na sequência, Adam idealiza dois mundos: um real e outro ideal, refletindo sobre como seria o mundo árabe caso a história tivesse se passado de maneira diferente, principalmente enfatizando a causa do povo judeu, referindo-se a Naïm. Contudo, ele reafirma seu relativismo ao estar do “outro lado”, no lado Ocidental, percebendo o Oriente e seus problemas de uma outra forma: “mas o traumatismo árabe, desde que contemplado a partir de outra margem, da margem europeia, minha margem adotiva, suscita apenas incompreensão e suspeita”²⁸. Diferentes visões acerca do mesmo tema são possíveis dependendo do local em que se está falando. Adam, vivendo em Paris, adota a visão “ocidentalizada” da história afirmando que “o conflito com Israel desconectou os Árabes da consciência do mundo, ou ao menos da consciência do Ocidente, o que vem a ser mais ou menos o mesmo”²⁹.

Até mesmo a voz autorizada de um embaixador israelense dos anos cinquenta e sessenta, trazida pelo professor e historiador Adam sobre a situação do Estado de Israel, é uma via de mão dupla: “Nossa missão era delicada, porque tínhamos às vezes que convencer os Árabes que Israel era invencível, e convencer o Ocidente que Israel estava correndo perigo de morte”³⁰. A relação turbulenta do Ocidente com o Oriente vem a ser a relação ambígua de Israel entre os dois mundos, de acordo com a interpretação de Adam a Naïm. O apoio ocidental aos israelenses trouxe o inconformismo e o ódio do Oriente ao Ocidente, tragédia que se perpetua até hoje, em proporções calamitosas.

Não há respostas definitivas na narrativa maaloufiana. Tudo é e não é, ou ao menos poderia ter sido e não foi. Adam, enquanto historiador, lança seu olhar de *outsider* ao mesmo tempo em que se coloca como um desterrado, um nativo árabe, levantando mais perguntas ao invés de obter respostas definitivas. Questões micro são elevadas ao macrocosmo social e podem ser redimensionadas a fim de possibilitar um amplo

²⁸ Texto original: “*Mais ce traumatisme arabe, lorsqu’on le contemple à partir de l’autre rive, la rive européenne, ma rive adoptive, ne suscite que l’incompréhension et la suspicion*” (MAALOUF, 2014, p.295)

²⁹ Texto original: “[...] *le conflit avec Israël a déconnecté les Arabes de la conscience du monde, ou tout au moins de la conscience de l’Occident, ce qui revient à peu près au même.*” (MAALOUF, 2014, p.296)

³⁰ Texto original: “*Notre mission était délicate, parce qu’il nous fallait à la fois persuader les Arabes qu’Israël était invincible, et persuader l’Occident qu’Israël était en danger de mort.*” (MAALOUF, 2014, p.296)

debate entre os mais diversos campos do saber: político, econômico, cultural, religioso, etc.

Considerações finais

Ao mesmo tempo em que o romance se (re)duplica em sua forma, nossa leitura se (re)faz em novos caminhos na tentativa de desvendar os signos do duplo espalhados ao longo da narrativa. Elaborada de forma magistral, a história transita do Oriente ao Ocidente amplificando as possibilidades interpretativas ao mesclar culturas, hábitos e visões de mundo plurais e, muitas vezes, antagônicas.

Signos presentes tanto no livro sagrado muçulmano - Corão - como na Bíblia, livro sagrado cristão, expandem a leitura do texto de Maalouf enquanto objeto histórico-literário, propiciando uma análise comparativa entre ambos, como também dos dois com o romance, o qual mescla o saber contido em cada narrativa sagrada na voz de um "Adão" tão sofredor quanto o primeiro...

A impossibilidade de um retorno ao paraíso original encerra o romance, uma vez que a tragédia derradeira de Adam deixa-o entre a vida e a morte, sem presenciar o reencontro entre os amigos de outrora, nem mesmo obter as repostas que tanto o afligira. O fracasso na tentativa de reconstrução de identidades mutiladas pelo exílio dialoga com a missão impossível de montar um quebra-cabeça de pedaços humanos desgastados com a passagem do tempo e deformados pelos locais em que se dispersaram.

Apagar as marcas do passado não é uma tarefa simples aos exilados. Contudo, restaurar, reconstruir, refazer o mesmo percurso, após anos de distanciamento, pode causar mais traumas que benefícios ao indivíduo. Confrontar-se com suas origens e sofrer o estranhamento oriundo dessa aproximação tardia gera angústia e dor, e estas são algumas das sensações pelas quais passa o leitor que não sai ileso após mergulhar nessa densa e complexa narrativa maaloufiana.

Recebido em 30-05-2018
Aprovado em 02-08-2018